

PATRICIA RICARDO DE SOUZA

# Verger — Bastide, a celebração de uma amizade



**PATRICIA RICARDO DE SOUZA** é doutoranda em Sociologia na Universidade de São Paulo.

*Verger – Bastide: Dimensões de uma Amizade*, de Angela Lühning (org.), Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.

*Verger – Bastide: Dimensões de uma Amizade*, o livro competentemente organizado por Angela Lühning, é uma celebração da amizade entre esses dois grandes pesquisadores e de seu interesse pelo legado africano na cultura nacional.

A obra reúne diversos textos escritos por ambos, em conjunto ou separadamente, mas quase sempre em colaboração como se verá adiante. São trabalhos que não datam necessariamente da mesma época, que são dirigidos a públicos diversos e com níveis de alcance diferentes, mas cujo foco principal é uma viagem que fizeram juntos à África entre 13 de julho e 22 de setembro de 1958.

Para além da viagem, no entanto, o fio a ligar os textos entre si é a temática que é sempre, de alguma forma, a das convergências e continuidades entre os dois lados do Atlântico, entre o Brasil e a África, expressas na cultura e em especial na religião.

Dos 14 textos do livro, a metade foi escrita para a revista *O Cruzeiro*, e têm em comum a característica de serem textos mais jornalísticos que foram produzidos durante a viagem e portanto direcionados ao grande público. Dentre esses, quase todos foram escritos por Bastide e ilustrados com as fotos de Verger, muito embora nem todas as fotos utilizadas nas reportagens tenham sido incluídas no livro por uma dificuldade em identificá-las com precisão.

É preciso ter em vista que certamente o termo “ilustrar” não dá a dimensão exata do quanto as fotos de Verger compõem o texto. Aliás, essa é uma característica importante da coletânea: aqui o diálogo entre texto e fotos é constante e dele resulta uma enorme riqueza, a comunicação é amplificada e atinge o leitor em diversos níveis de percepção que não somente a apreensão racional.

A outra metade do conjunto reúne textos de diversas épocas, de autoria de ambos ou escritos somente por um deles. Esse é o caso do capítulo que abre a coletânea, datado do final dos anos 90, em que Verger reúne suas lembranças e impressões acerca da viagem. É dele também o último texto, de 1993, um capítulo curto e bonito em que fala com carinho e admiração sobre o amigo Bastide, à época falecido já havia quase vinte anos. Carregado de emoção e poesia, esse texto ilumina e dialoga com os demais trabalhos.

Bastide e Verger têm trajetórias muito diferentes. O primeiro teve sua vida marcada pela docência e pesquisa. Foi para lecionar na recém-fundada Universidade de São Paulo que Roger Bastide veio pela primeira vez ao Brasil, em 1938, onde permaneceu exercendo suas atividades até 1954 quando retornou à França.

Durante todo esse período realizou diversas pesquisas e produziu muito, inclusive escrevendo vários artigos para jornais. Devido a sua intensa atividade na academia, tinha poucas oportunidades de viajar

e a primeira vez que esteve no Nordeste foi somente em 1944, quando travou contato com as religiões afro-brasileiras, um tema que o interessou profundamente e que foi um dos pontos centrais de sua aproximação com Verger.

Pierre Verger, por seu turno, esteve durante quase toda a vida viajando pelo mundo. Veio ao Brasil pela primeira vez em 1940 e esteve então em São Paulo e no Rio de Janeiro, uma passagem breve que se repetiu ainda no mesmo ano. Em 1941, não conseguindo trabalho para se manter aqui, partiu novamente.

Foi somente em 1946 que Verger voltou ao país, chegando a São Paulo no dia 17 de abril, o mesmo dia em que conheceu Roger Bastide; esse lhe recomendou uma visita a Salvador, que ele de fato fez enviado pela revista *O Cruzeiro* a trabalho ainda em 1946.

É do conhecimento de todos o encantamento de Pierre Verger pela “Boa Terra” da Bahia, lugar em que ele efetivamente se estabeleceu, de onde ainda partiu para muitas viagens sempre retornando em sua longa e produtiva vida, finda em fevereiro de 1996.

A partir do primeiro contato realizado em São Paulo estabeleceu-se entre ambos uma intensa colaboração e frutífera parceria da qual a viagem que empreenderam juntos à África representa apenas uma parte.

Enquanto Verger se estabeleceu na Bahia, Bastide continuou em São Paulo e, muito embora sua vasta produção acerca das temáticas afro-brasileiras em especial no período compreendido entre o final dos anos 40 e o fim dos anos 50 o faça supor, Bastide não foi muitas vezes ao Nordeste, nem tampouco esteve em pesquisa de campo por longos períodos.

As religiões afro-brasileiras que foram objeto de diversas publicações de Bastide são religiões de tradição oral e baseadas no segredo, o que dificulta muito a pesquisa; nesse sentido, a colaboração de Verger, levantando informações etnográficas e mesmo tirando dúvidas, foi fundamental para o trabalho de Bastide.

Para além das religiões afro-brasilei-

ras em si, no entanto, as ligações dessas com a África eram um grande interesse comum dos dois pesquisadores e são objeto de boa parte dos trabalhos da coletânea. É o caso, por exemplo, do texto “A Festa de Oxum, Deusa do Amor e da Água Doce”, em que, ao assistir a uma festa de Oxum em Oshogbo, Bastide a descreve e aponta suas semelhanças com a festa do presente de Iemanjá na Praia do Rio Vermelho em Salvador; esse capítulo, em especial, conta com belas e emocionantes fotos de Verger.

O texto em que a busca das continuidades, as convergências entre os dois lados do Atlântico no âmbito da religião são mais sistematicamente trabalhadas é aquele que trata do rito de iniciação, “O Ritual de Iniciação das Filhas de Xangô na África e no Brasil”. Nesse capítulo, partindo de uma etnografia sobre o rito assistido na África, Bastide introduz as semelhanças com a Bahia, e termina nostálgico: “Mas outros deveres me aguardam em Paris. E não reverei mais as *Iyawo* de Xangô que me fizeram sonhar em pleno coração da África com suas irmãs que estão do outro lado do oceano, nas camarinhas do Engenho Velho, do Gantois ou do Opô Afonjá” (p. 120).

Pesquisando o candomblé tanto Bastide como Verger chegaram, por caminhos diferentes, ao centenário terreiro do Opô Afonjá, um dos mais antigos do país, situado em Salvador e vivo até hoje. Esse templo foi muito importante na trajetória de ambos, que vieram, de alguma forma, a se filiar a ele pelas mãos de Mãe Senhora. Foi lá que Bastide passou pelo ritual de lavagem de suas contas de Xangô. Isso parece ter sido muito significativo para ele, representando uma ligação efetiva com a religião dos orixás no Brasil e também na África. Verger diz que o amigo considerava seu colar sagrado como um “‘passaporte’ que o creditava e o identificava como ‘filho de Xangô’ junto aos seus correligionários africanos” (p. 47).

Pierre Verger, no entanto, teve muito mais oportunidades de estar com os africanos porque esteve nesse continente várias vezes, chegando a empreender nada menos do que 13 travessias de navio entre

1949 e 1960, um período em que havia muito mais ligações entre Brasil e África do que nos dias de hoje.

É preciso ter em mente, como aponta Angela Lühning, que essas viagens marítimas consumiam, nessa época, longos dias para chegar ao destino, de modo que a viagem em si, o seu percurso, constituía-se num momento fundamental de preparo e adaptação, tanto física quanto emocional e mental à realidade do lugar de destino.

Num tempo muito diferente de hoje, em que os contatos com lugares longínquos, mesmo por meio da mídia, ainda eram bastante limitados, a viagem era o meio por excelência de se ter acesso a esses mundos e culturas tão diferentes. Disso resulta, nas palavras de Lühning, que “ao próprio viajante era atribuída a representação e, digamos, a incorporação daquela cultura. Devemos entender desse modo a ação viajante de Verger, tornando visível a existência do lado complementar da cultura afro-brasileira” (p. 20).

Nas muitas idas e vindas entre Brasil e África, Verger de tal modo foi “portador” dessas culturas complementares separadas pelo Atlântico, que se tornou mesmo um mensageiro entre elas. São célebres as histórias sobre a troca de presentes que ele tornou possível entre Mãe Senhora e dignitários membros do culto aos orixás na África.

O esforço de Bastide e Verger para compreender profundamente a cultura afro-brasileira, por um lado, a revelou em perspectiva ao lançar sobre ela um olhar diferenciado a partir da África. Por outro lado, conseqüentemente, levou-os a construir um rico diálogo intercultural entre os dois lados do Atlântico, “[...] mostrando o imbricamento entre fatos históricos, experiências culturais e impressões pessoais” (p. 26).

Verger e Bastide eram filhos do orixá Xangô, o que de alguma forma os irmanava, mas é de fato a profunda amizade e estreita colaboração entre ambos, o que muitas vezes passa despercebido do grande público, aliadas à paixão comum pela cultura afro-brasileira resultando em uma produção ao mesmo tempo rigorosa e acessível, que esse belo livro retrata.